

PÁGINAS VERDES: IGNACY SACHS

“Estamos perdendo o jogo da sustentabilidade”

ELIAS FAJARDO

Alto, olhar penetrante e ar sereno, Ignacy Sachs foi um destaque no Seminário Internacional Rio + 10 Brasil, contrastando com seu amigo Maurice Strong, o agitado secretário-geral da RIO/92. O Seminário, realizado em junho no Museu de Arte Moderna do Rio Janeiro, procurou chamar a atenção para a Rio + 10, a Conferência de Cúpula da ONU sobre Desenvolvimento Sustentável, que será em agosto em Joanesburgo, África do Sul. Dez anos depois da Conferência do Rio, diante do avanço de forças que querem jogar a questão ambiental debaixo do tapete, há um saudável esforço para cobrar compromissos não cumpridos e levantar questões.

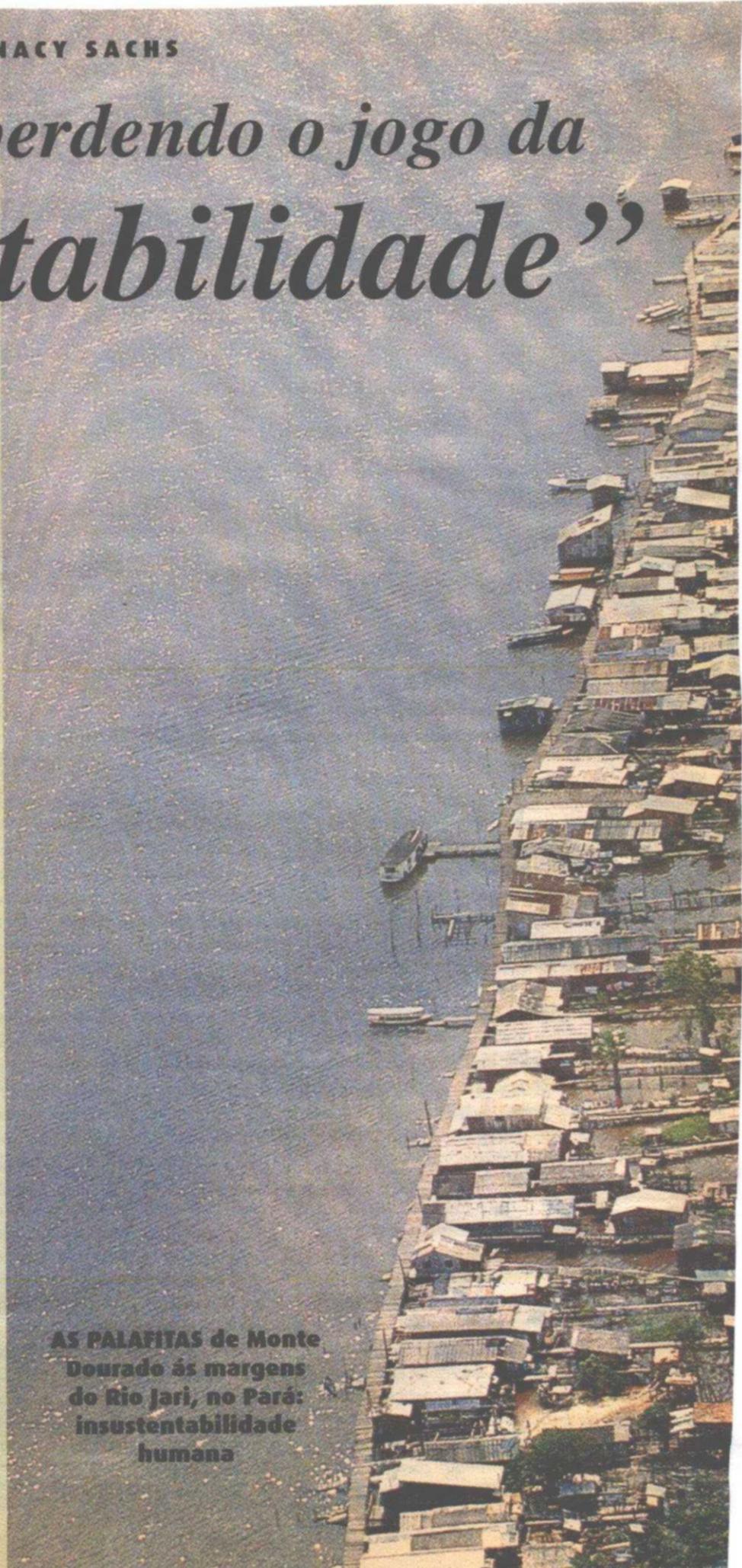
Ignacy Sachs tem boa contribuição a dar neste cenário. Francês de origem polonesa, educado no Brasil e na Índia, sócio-economista, ajudou a criar o conceito de eco-desenvolvimento. Diretor honorário da Escola de Altos Estudos em Ciências Sociais de Paris, ele procura encontrar soluções para os países pobres superarem a dependência dos países ricos. Nesta entrevista, expõe com clareza suas dúvidas e esboça, com ternura, suas esperanças.

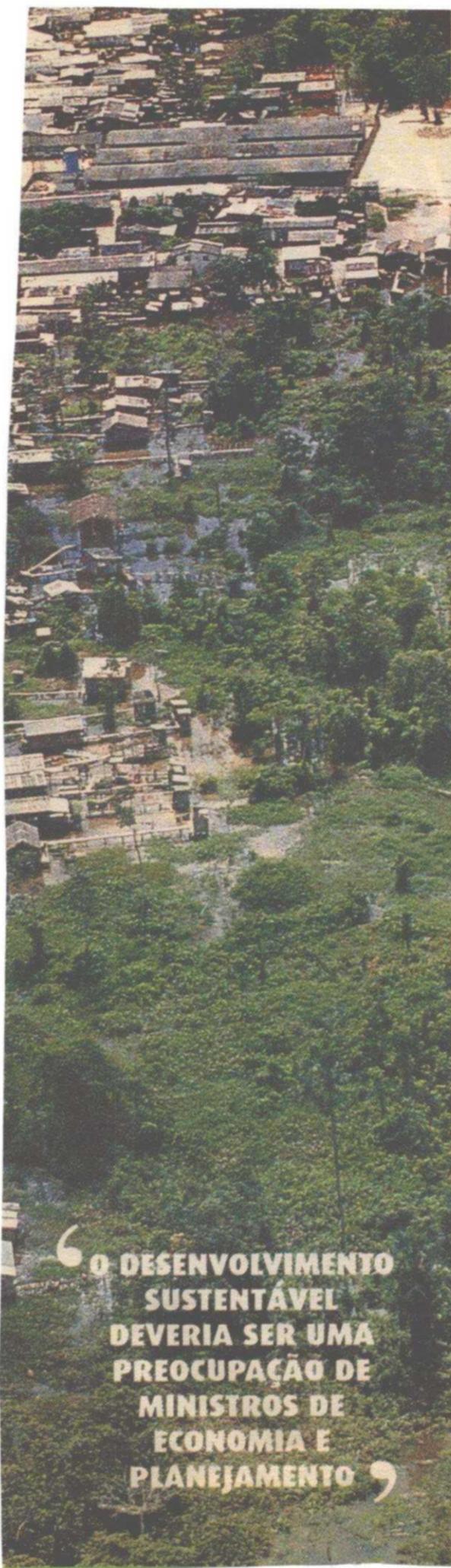


SACHS: o mercado é míope e socialmente insensível

ELIAS FAJARDO

AS PALAFITAS de Monte Dourado às margens do Rio Jari, no Pará: insustentabilidade humana





O DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL DEVERIA SER UMA PREOCUPAÇÃO DE MINISTROS DE ECONOMIA E PLANEJAMENTO

JB - O mundo está vencendo ou perdendo o desafio de construir nosso futuro comum?

Ignacy Sachs - Está perdendo feio, e vai ter de se esforçar para empatar e virar o jogo. É preciso armar instrumentos para chegar ao desenvolvimento sustentável. Não creio que isso se faça só pelos mecanismos de mercado. O mercado é maravilhoso para certas coisas, mas é míope e socialmente insensível. É preciso repensar o papel dos poderes públicos e da pesquisa científica. Quanto a questão da energia, por exemplo, acho que se deveria partir para um sistema de subsídios cruzados, taxar energias sujas para financiar energias limpas.

JB - Poluiu, pagou?

IS - Nunca entendi o princípio poluiu pagou, porque não sei se se paga uma multa, uma compensação à vítima ou uma transição para tecnologias limpas. Paga o quê? Essa é minha primeira dúvida. A segunda é como isso funciona nas diferentes configurações de mercado. Uma empresa que constrói termoelétricas poluentes se dispõe a pagar, só que transfere o custo para as tarifas, quem paga é o usuário, e isto dá à empresa o direito de continuar poluindo. Então não resolve. O princípio está baseado numa economia perfeita de mercado. Como isto não existe, é bom tomar cuidado com ele.

JB - O mundo já incorporou a variável ambiental nas decisões econômicas, uma proposta que o senhor e outros cientistas fazem há mais de dez anos?

IS - Conseguimos avançar com relação ao que havia há 30 anos. Mas se já tivéssemos incorporado a variável ambiental nas decisões econômicas, nem precisaríamos nos reunir. O desenvolvimento sustentável continua sendo discutido por ministros de meio ambiente e ambientalistas, quando deveria ser uma preocupação de ministros de economia e planejamento.

JB - Que contribuição o Brasil tem dado na luta pelo desenvolvimento sustentável?

IS - A iniciativa brasileira de aumentar a participação das energias renováveis dos atuais 2% para 10% é um passo importante e vai ser levada a Joanesburgo. O fato de a RIO/92 ter se realizado no Brasil é uma contribuição importante que teve bom impacto na consciência dos brasileiros. E na negociação complexa do Protocolo de Kyoto, que

estabelece a redução da emissão de gases tóxicos na atmosfera, a delegação brasileira teve papel destacado. Mesmo assim, estamos longe da situação com que sonhávamos há dez anos.

JB - A maioria das cidades brasileiras ainda não recolhe nem trata seus esgotos e lixo, os recursos hídricos estão sendo poluídos, o desmatamento continua preocupante ...

IS - Não há dúvida. Se a gente mede a distância percorrida e a que ainda resta a percorrer, tem muito chão pela frente. Muito mesmo.

JB - Como o senhor vê as previsões pessimistas chamadas de Risco Brasil? Isso é uma realidade ou passa por questões que não têm nada a ver com economia?

IS - Todos esses cálculos sobre Risco Brasil são manipulados. Acho absurda a quantificação disto. O dramático é que as agências que fazem tais cálculos adquiriram força política capaz de desgraçar países. Isto faz parte do figurino da globalização que impera atualmente. Digo isto não porque sou contra a globalização, mas porque sou contra este tipo de globalização. Temos de construir, com urgência, um sistema internacional diferente, mais humanizado. Tem de haver tratamento desigual para os desiguais e uma ação afirmativa que fortaleça os países e setores fracos. Hoje temos uma assimetria inversa. Todo o sistema econômico funciona com o forte batendo na cabeça do fraco.

JB - O senhor é pessimista ou otimista? Acredita que a humanidade é capaz de superar os desafios ambientais que ela própria criou?

IS - A humanidade adquiriu força suficiente para destruir a vida. Mas se tem força para destruir, tem também para construir. O jogo continua.

JB - Estamos no primeiro ou no segundo tempo?

IS - Isto também não sei, pois o jogo pode terminar abruptamente. Os perigos são muito grandes, mas as possibilidades de arcar com os problemas ambientais existem e dependem da capacidade de tomarmos o destino em nossas próprias mãos. Estamos perdendo o jogo da sustentabilidade. Mas, se houver segundo tempo, podemos virar o jogo. ■